



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

JORNAL DA UNICAMP

ED. 722

Campinas, 24 de março a 6 de abril de 2025

www.jornal.unicamp.br

Beatriz Sarlo

UMA INSURGENTE NOS TRÓPICOS (E NA UNICAMP)

6a8

Beatriz Sarlo em Cambridge, Inglaterra: intelectual argentina esteve na Unicamp pela primeira vez em 1980, participando do evento Jornadas de Literatura Latino-Americanas, organizado pelo Instituto de Estudos da Linguagem

Análises detectam presença de agrotóxicos em fórmulas infantis **3**

O comportamento escolar de crianças com doenças crônicas **4**

Microrganismos no intestino podem piorar quadro de AVC **5**

Levantamento detalha perfil do consumidor de orgânicos **9**

Ferramentas facilitam tomada de decisão de produtor agrícola **11**

Novas temáticas e abordagens na difusão da ciência e cultura **12**

Tese investiga como padrão vocal pode indicar avanço do Parkinson

Pesquisador avalia se aspectos da fala de pessoas idosas podem ser biomarcadores da doença

MARINA GAMA
marinagc@unicamp.br

A voz, um instrumento fundamental para quase todos os seres humanos, transmite emoções, revela intenções e faz parte da identidade da pessoa. No discurso, serve como uma ferramenta essencial para persuadir, contar histórias e compartilhar conhecimento. Do ponto de vista fisiológico, pode refletir a condição de saúde de um paciente ao revelar o estado da respiração, das pregas vocais e do controle neuromuscular, tornando-se um indicador importante para alguns diagnósticos.

Levando isso em conta, o pesquisador Lucas Manca Dal'Ava investigou em seu doutorado como diferentes características acústicas da fala podem servir como biomarcadores para a doença de Parkinson, um distúrbio neurológico crônico e progressivo que impacta desde o controle motor até questões cognitivas.

“Sabemos que a voz é um dos elementos afetados pelo Parkinson. Meu objetivo foi entender quais aspectos são mais relevantes e se eles podem ser usados como indicadores confiáveis”, explica Dal'Ava, que tem dupla titulação, em linguística e fonoaudiologia.

A ideia de estudar a fala como um possível marcador da doença partiu de uma inquietação: os sinais do Parkinson já aparecem na maneira como uma pessoa fala, mesmo antes de registrados clinicamente? O pesquisador se debruçou sobre 24 parâmetros vocais, desde a intensidade e a articulação até aspectos mais sutis da variação tonal, algo inédito na área.

No doutorado, realizado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp sob orientação do professor Plínio Almeida Barbosa, Dal'Ava analisou a fala de 32 pessoas idosas, divididas entre indivíduos saudáveis – grupo controle – e pacientes nos estágios iniciais e intermediários do Parkinson – grupo experimental –, em busca de padrões que pudessem tanto diferenciar aqueles que têm dos que não têm o distúrbio assim como identificar o estágio da doença nos casos diagnosticados.

Os testes consistiram na leitura de um parágrafo curto, de 68 palavras, por parte da pessoa idosa, seguida de um comentário espontâneo a respeito desse trecho. Ambas as falas, gravadas, passaram por análises posteriores.

Segundo a literatura citada no doutorado, pesquisas na área focaram parâmetros específicos de qualidade vocal, como *jitter* (tremor) e *shimmer* (tremeluzir), explica Dal'Ava. Esses indicadores dizem respeito à esta-

bilidade da vibração das pregas vocais e à variação na intensidade do som, respectivamente. Outras pesquisas trabalharam com poucos parâmetros, como as pausas na fala. Embora se mostrem fundamentais, tais estudos não fornecem um panorama completo.

“O ponto principal da tese é: sabemos que existem vários outros parâmetros e que podemos compará-los com o mesmo trecho de voz sob análise. Na tese, realizamos um cálculo do tamanho de efeito para indicar a relevância prática dos resultados.” A maioria dos parâmetros estudados contribuiu para identificar as pessoas idosas com e sem Parkinson, de acordo com os resultados apresentados. Ao avaliar quais poderiam identificar a progressão da doença, dois deles chamaram a atenção.

“Quando analisamos esses grupos, observamos que nem todos os parâmetros demonstraram uma progressão clara com o avanço da doença. Isso é um ponto crucial para nós, pois a consistência na progressão pode indicar um parâmetro potencial para identificar biomarcadores da doença de Parkinson”, explica.

“Os parâmetros que mais claramente acompanharam a progressão da doença foram a taxa de elocução, ou seja, o número de sílabas que a pessoa consegue produzir por segundo, e a taxa de articulação, que é a mesma medida, mas sem considerar as pausas. Esses indicadores mostraram-se particularmente sensíveis, piorando de forma consistente à medida que a doença avançava, o que os torna potenciais biomarcadores para monitorar a evolução do Parkinson.”

O estudo ainda revelou que testes de leitura mostraram-se mais eficazes para detectar a doença e seus estágios do que análises de falas espontâneas. “No ambiente clínico, para analisar a voz do paciente, pode-se gravar a leitura de um trecho escrito e a fala espontânea”, explica o pesquisador. Segundo Dal'Ava, a abordagem “foi consistente ao diferenciar quem tem ou não a doença ao identificar os estágios em homens e mulheres para determinados parâmetros prosódico-acústicos”.

A análise das vozes no estudo deu-se por meio de um processo técnico acessível, utilizando ferramentas conhecidas na área.

Desafios e soluções

Um acontecimento inesperado, a pandemia de covid-19, impôs desafios suplementares ao pesquisador,

mas também revelou possibilidades que não estavam no horizonte da pesquisa inicialmente. Quando Dal'Ava começou o doutorado, várias pessoas idosas que deveriam participar da pesquisa desistiram por medo de se expor à doença, que até então era totalmente desconhecida. Para que o estudo não ficasse prejudicado, o pesquisador e seu orientador decidiram coletar as vozes dos participantes por meio de uma gravação feita em um aparelho de celular. Aqueles que aceitaram ir até o Centro de Estudos e Pesquisa em Reabilitação “Dr. Gabriel Porto” (Cepre), do curso de fonoaudiologia da Unicamp, tiveram suas vozes gravadas no celular do pesquisador por meio de um aplicativo gratuito, mesmo aplicativo usado pelos que aceitaram participar da pesquisa desde casa – esses receberam orientações por videochamada.

A alternativa mostrou-se viável, revelando que os profissionais da área não precisam de cabines especiais para gravar a voz a ser analisada.

Dal'Ava pretende avançar nessa mesma linha de pesquisa no pós-doutorado e focar determinados parâmetros. Com mais estudos como esse, o pesquisador acredita no desenvolvimento, em um futuro próximo, de um aplicativo que, aliado a técnicas de *machine learning* (aprendizado de máquina), poderá facilitar a análise dos parâmetros por parte dos profissionais de fonoaudiologia que tratam de doentes com o mal de Parkinson.



O pesquisador Lucas Manca Dal'Ava: análise a partir de 24 parâmetros



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor Antonio José de Almeida Meirelles Coordenadora Geral da Universidade Maria Luiza Moretti Pró-Reitor de Desenvolvimento Universitário Fernando Sarti Pró-Reitora de Pesquisa Ana Maria Frattini Fileti Pró-Reitor de Graduação Ivan Felizardo Contrera Toro Pró-Reitor de Extensão, Esporte e Cultura Fernando Antonio Santos Coelho Pró-Reitora de Pós-Graduação Rachel Meneguello Chefe de Gabinete Paulo César Montagner Chefe de Gabinete Adjunta Adriana Nunes Ferreira

JORNAL DA UNICAMP Secretária Executiva de Comunicação Christiane Neme Campos Editor-chefe Álvaro Kassab Editora Raquel do Carmo Santos Chefia de reportagem Rachel Bueno Reportagem Adriana Vilar de Menezes, Carmo Gallo Netto, Felipe Mateus, Hebe Rios, Helena Tallmann, Hélio Costa Júnior, Juliana Franco, Liana Coll, Mariana Garcia, Marina Gama, Paula Penedo Pontes, Sílvio Anunciação, Tote Nunes Fotos Antoninho Perri, Antonio Scarpinetti, Lúcio Camargo Projeto gráfico Luis Paulo Silva Editores de arte Alex Calixto de Matos, Paulo Cavalheri Atendimento à imprensa Ronei Thezolin Revisão Júlia Mota Silva Costa, Rodrigo Campos Castro Coordenadora do núcleo audiovisual Patrícia Lauretti Supervisora de TI Laura de Carvalho Freitas Rodrigues Acervo Maria Cristina Ferraz de Toledo, Sergio de Souza Silva Tratamento de imagens Renan Garcia Redes sociais Bruna Mozer, Octávio Augusto Bueno Fonseca da Silva Serviços técnicos Alex Matos, Claudia Marques Rodrigues, Elisete Oliveira Silva, Guilherme Pansani, Mateus Fioresi, Selvino Frigo Impressão Gráfica Mundo Correspondência Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. O Jornal da Unicamp é elaborado pela Secretaria Executiva de Comunicação (SEC) da Unicamp. Periodicidade quinzenal.

Estudo detecta agrotóxicos e outros contaminantes em fórmulas infantis

Pesquisadoras da Unicamp alertam para a ausência de normas específicas voltadas ao setor no país

FELIPE MATEUS
felipeom@unicamp.br

Nas prateleiras das drogarias e dos supermercados, as fórmulas infantis se multiplicam e atendem a diversos públicos e demandas nutricionais. Segundo um estudo de 2024 publicado na revista *Globalization and Health*, a venda de fórmulas infantis no Brasil, entre 2006 e 2020, aumentou 750%, saltando de R\$ 278 milhões para R\$ 2,3 bilhões. O aumento expressivo no consumo dos produtos chama atenção para a necessidade de um olhar cuidadoso não apenas em relação aos seus benefícios, mas também em relação aos riscos que contaminantes eventualmente presentes nesses alimentos podem trazer à saúde de recém-nascidos e bebês.

Um estudo realizado na Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) da Unicamp com fórmulas infantis confirma a preocupação. Foram analisadas 30 amostras de produtos comercializados no país a fim de investigar a presença de resíduos de agrotóxicos e micotoxinas – compostos tóxicos produzidos por fungos. Em duas análises, apareceram resíduos desses compostos, entre os quais o carbofurano e o metamidofós, de uso proibido no Brasil, além de outras substâncias, como fármacos veterinários.

Apesar de a maior parte dos contaminantes registrar concentrações abaixo dos limites de segurança estabelecidos pelas autoridades sanitárias, sua mera presença acende o alerta para o risco de contaminações indiretas, que podem ocorrer na cadeia de produção das fórmulas, e para a necessidade de o país adotar normas específicas voltadas ao setor. As análises, publicadas em dois artigos, uma no *Journal of Chromatography A* e outra no *Journal of Food Composition and Analysis*, fazem parte da pesquisa de doutorado de Marcella Vitória Galindo, com orientação da professora Helena Teixeira Godoy e do pesquisador Wellington da Silva Oliveira e com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).



Marcella Vitória Galindo, autora do estudo: orientação alimentar adequada para as mães é fundamental



Amostras de fórmulas infantis passam por análise em laboratório da Faculdade de Engenharia de Alimentos: risco de contaminações indiretas

De olho nas fórmulas

A primeira análise baseou-se em uma lista de 23 possíveis contaminantes – 19 agrotóxicos e 4 micotoxinas. Os agrotóxicos foram elencados a partir de uma lista elaborada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), que disponibiliza relatórios e monografias periodicamente sobre os compostos mais empregados nos campos de cultivo do país. “Fizemos um levantamento sobre as matérias-primas utilizadas e consideramos quais agrotóxicos poderiam ser encontrados com base nos levantamentos da Anvisa”, explica Galindo. As amostras também passaram por uma verificação, chamada triagem suspeita, para apontar a presença de outros contaminantes além dos 23 iniciais. Para isso, a pesquisadora lançou mão de um banco de dados com mais de 2 mil contaminantes, entre agrotóxicos e seus metabólitos, hormônios, fármacos veterinários e outras substâncias.

Nessa análise inicial, o estudo encontrou, abaixo dos limites de segurança estabelecidos pela União Europeia (UE), cujos parâmetros foram usados devido à ausência de uma legislação específica no país, os pesticidas fenitrotiona, clopirifós e bifentrina, assim como as quatro micotoxinas observadas (alfatoxinas B1, B2, G1 e G2). A pesquisadora alerta que, mesmo estando dentro dos níveis especificados, a questão não deixa de ser preocupante. “Isso não significa que esses compostos vão, necessariamente, trazer malefícios, porque o organismo tem a capacidade de metabolizá-los e eliminá-los. O problema é que o organismo dos bebês não tem esse sistema ainda completamente desenvolvido”, afirma.

Uma questão importante envolveu a detecção do carbofurano, agrotóxico proibido no Brasil em 2017 e identificado em cerca de 10% das amostras. Nesse caso, a hipótese é de que a contaminação tenha ocorrido por bioacumulação. “Mesmo não sendo utilizado, o composto pode ainda permanecer no ambiente por muitos anos e contaminar os alimentos”, esclarece Godoy. Foram identificados, na triagem, 32 compostos, entre agrotóxicos não previstos, hormônios e medicamentos veterinários, algo que pode resultar de contaminações na cadeia de produção de matérias-primas como o leite de vaca e o de cabra.

A segunda análise monitorou os resíduos de agrotóxicos também por meio de uma triagem suspeita, com base em um banco de dados com 278 produtos do tipo. Nessa etapa, seis compostos foram detectados em 86,6% das amostras: ftalimida, cis-1,2,3,6-tetra-hidroftalimida, pyridaben, bupirimate, piperonil butóxido e metamidofós. Desses, destacam-se o pyridaben, a ftalimida e a cis-1,2,3,6-tetra-hidroftalimida por estarem em concentrações acima do limite estabelecido pela UE, e o metamidofós, de uso também proibido no Brasil, desde 2012. De acordo com as pesquisadoras, os resíduos podem ter vindo de várias fontes, desde as matérias-primas até o processamento e embalagem. Godoy destaca que o estudo não busca desencorajar o consumo desses

produtos, mas garantir a qualidade dos alimentos fornecidos aos bebês. “O processamento é importante e, desde que feito dentro das normas estabelecidas, garante um alimento de qualidade”, diz.

Regulação já

Uma das motivações que levaram Galindo a trabalhar com a análise de fórmulas infantis é a ausência de normas e legislações específicas para o setor no país, o que dificulta o controle sobre os produtos. Nos últimos anos, o avanço das técnicas de análise, como as empregadas na pesquisa, possibilitou estudos mais detalhados. “Não adianta existirem normas se não for possível sabermos se os produtos atendem ou não a elas”, observa Godoy.

A continuidade da pesquisa deverá incluir a análise de amostras de leite materno, com foco na identificação de contaminantes provenientes do ambiente, de embalagens de alimentos e de produtos de cuidado pessoal que podem chegar ao leite via alimentação e devido ao estilo de vida das mães. Além de evidenciar a necessidade de haver normas rígidas para esse tipo de produto, o doutorado de Galindo identifica os fatores humanos envolvidos no problema. “É fundamental promover uma orientação alimentar adequada para as mães, incentivando-as a evitar o consumo de produtos que supostamente estão contaminados por substâncias potencialmente nocivas. Essa conscientização não só protege a saúde individual, mas também reflete um compromisso com a segurança nutricional, tanto da mãe quanto do bebê”, aponta a pesquisadora. “Trata-se de uma questão social e de saúde pública.”



A professora Helena Teixeira Godoy, orientadora da pesquisa: composto pode contaminar os alimentos

Pesquisa retrata experiência escolar de crianças com doenças crônicas

EDIMILSON MONTALTI
Especial para o *Jornal da Unicamp*

O Messi, o Homem-Aranha, a Rapunzel, o Unicórnio de Gelo, o Coringa, a Cinderela, o Bob Esponja e a Lady Bug (nomes fictícios) são algumas das crianças com hepatite autoimune, diabetes, reumatismo, lúpus, dermatite atópica, síndrome de Marfan, fibrose cística, cardiopatia congênita e HIV atendidas no ambulatório de pediatria do Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp. Esses pacientes participaram de um estudo realizado com o objetivo de entender como as hospitalizações, as consultas médicas frequentes ou a própria doença interferem na ida às aulas, na adaptação escolar e no processo de aprendizagem.

Os avanços tecnológicos na área da saúde e as novas terapias garantiram um aumento na sobrevivência de crianças clinicamente frágeis. Isso levou ao surgimento de um grupo de menores de idade dependentes de tecnologia e dos cuidados com a saúde, denominadas crianças com necessidades especiais de saúde (Crianes). Em 2022, realizou-se o primeiro levantamento epidemiológico sobre a prevalência de Crianes no Brasil. Esse levantamento mostrou que uma em cada quatro famílias tem uma criança de 0 a 11 anos com necessidades especiais de saúde.

O estudo, intitulado “Dando Voz à Criança: a Experiência de Crianças com Necessidades Especiais de Saúde na Escola”, foi conduzido pela enfermeira do HC Áilda Maria de Oliveira Andreato em seu mestrado, defendido no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Faculdade de Enfermagem (Fenf) da Universidade, sob orientação da professora Maira Deguer Misko.

A pesquisa também resultou no artigo científico “O ambiente escolar na experiência de crianças com necessidades de saúde especiais: um estudo qualitativo”, publicado na Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP), em janeiro de 2025. (<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/PNWz6Bwrs9r w5DCTHfx6GNz/?lang=pt>)

Com o consentimento dos pais e das próprias crianças, participaram da pesquisa 22 pacientes com necessidades especiais de saúde, em idade escolar e que frequentavam a escola. A idade deles variou entre 6 e 12 anos. A análise dos dados permitiu compreender a experiência da criança com necessidades especiais de saúde no ambiente escolar.

“A escola e os relacionamentos sociais são importantes para o desenvolvimento dessas crianças. Contudo as medicações, as limitações físicas e as ausências devido a hospitalizações ou a uma consulta médica interferem no comparecimento às aulas, dificultando a adaptação escolar e seu processo de aprendizagem”, explica Andreato.

Percepções

De acordo com a pesquisa da Unicamp, as crianças veem na escola um ambiente importante para seu desenvolvimento, no qual interagem com outras pessoas de sua idade, fazem amizades e brincam.



Estudo foi realizado no ambulatório de pediatria do Hospital de Clínicas da Unicamp

Ambulatório de pediatria do HC: 22 crianças com necessidades especiais, com idades entre 6 e 12 anos, participaram da pesquisa

Elas também sabem que a doença oferece um fator limitante, principalmente nas fases agudas, e que isso interfere no seu desenvolvimento escolar. Mesmo assim, as crianças encontram estratégias para lidar com as dificuldades e para dar continuidade a seu aprendizado.

“Acho que já, várias vezes [referindo-se a perder aula para ir ao hospital ou a uma consulta médica]. Eu tinha que ficar pegando lição para casa”, diz o Coringa. “Sim, eu tive que faltar da escola não era porque eu estava doente. Era porque eu tinha que vir para a Unicamp”, conta a Cinderela. “Ah, ir até a escola para mim é normal. Eu acho que, para mim, é qualidade de vida, porque quando estou na escola é porque eu estou bem da minha doença. [...] Então, eu acho que é normal assim, sabe?”, comenta a Rapunzel.

Nas falas registradas pela pesquisa, as crianças também citam as situações incômodas que surgem no contato com as pessoas da escola e manifestam de forma enfática o desagrado sentido quando colegas de aula, por meio de seu comportamento ou de palavras, confrontam-nas a respeito de suas limitações ou identificam-nas como doentes, como se seu estado de saúde as definisse.

“Um dia eu estava na fila do ônibus, aí a menina me xingou de magrelo. [...] Ela sabia que eu não engordo por causa da minha doença e mesmo assim ficava me xingando de magrelo. [...] Eu não gosto quando acontece isso na escola”, diz o Hulk. “[...] Porque é muito feio ficar com isso aqui [mostra as lesões na pele], mas meu pai e minha mãe me incentivam e isso não é feio. E eu me acostumei a ficar com isso e eu tive força para ir para escola”, relata o Dragon Ball.

“Tomo injeção e mais alguns remédios. Quando tomo injeção, eu não choro, não vou passar vergonha na frente de todo mundo”, explica o Bob Esponja.

Resiliência

A pesquisa mostrou que essas crianças, ao perceberem que têm necessidades diferentes das demais, criam estratégias para se adaptar à escola e, resilientes, encontram caminhos para se aproximar de outras. Não se trata de uma tarefa fácil, e parece ser necessário um tempo de adaptação para que consigam ter essa nova percepção sobre si próprias e sobre as dificuldades impostas pela doença.

“Não, tinha uma caixa. Fizeram uma caixa própria pra mim”, conta o Flecha,

descrevendo como pegava livro na biblioteca da escola, já que o local não contava com acesso para cadeirante.

“Eu, quando ia para a escola, não podia jogar futebol. Então eu ficava na arquibancada e aí eu via meus amigos jogar bola. [...] Porque eu tinha um problema no coração, que tem um fio a mais, e se eu corresse um pouco, meu coração acelerava [...] parava, ficava calmo e depois melhorava”, diz o Messi.

De acordo com Andreato, a pesquisa aponta esses como fatos marcantes e decisivos para os tipos de relacionamento que se formam ou não no ambiente escolar. O estudo, segundo a enfermeira do HC, corrobora a necessidade de se incluir a criança com necessidades especiais de saúde em seu próprio tratamento, dando-lhe voz.

“Isso terá um impacto direto em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem e também interferirá em sua trajetória de autocuidado, o que lhe dará certo grau de independência e autonomia para seguir sua trajetória escolar apesar da doença.”

Qualidade de vida

De acordo com a pesquisadora, cada criança é única e se faz necessário explorar e exaltar seus dons e habilidades para que haja uma efetiva e assertiva inserção na sociedade, para que haja uma melhoria não só em seu desenvolvimento escolar, mas sobretudo em sua qualidade de vida.

Com isso em mente, o estudo defende aprimorar os planos de alta bem como fazer avançar os cuidados e o trabalho conjunto realizados pelos setores da saúde e da educação. Uma das estratégias consistiria em mobilizar o enfermeiro das escolas nas quais se encontram as Crianes.

“O enfermeiro poderá traçar um plano de cuidados individual de saúde que atenda as demandas de cuidados especiais de saúde e capacitar não só as crianças e as famílias, mas a rede de educação, no intuito de implementar estratégias de educação em saúde que favoreçam o convívio social dessas crianças”, finaliza Andreato.



A enfermeira Áilda Maria de Oliveira Andreato, autora do estudo: crianças elaboram estratégias para se adaptar

Fotos: Antoninho Perri

Fotos: Lúcio Camargo



Claudio Pilon, autor do estudo: análise de amostras de 75 pacientes do Hospital Estadual de Sumaré

Além de investigar ação de microrganismos, estudo buscou identificar biomarcadores

PAULA PENEDO
penedo@unicamp.br

Alguns microrganismos encontrados no intestino humano podem agravar o quadro de pessoas que sofrem um acidente vascular cerebral (AVC) e piorar o desfecho da doença, concluiu uma pesquisa de doutorado defendida na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp. Realizado com doentes atendidos no Hospital Estadual de Sumaré (HES), que mantém um convênio com a Unicamp, o estudo conduzido pelo médico clínico Claudio Pilon descobriu que indivíduos com quadros graves de AVC isquêmico apresentam mudanças significativas na microbiota intestinal quando comparados àqueles com quadros leves ou moderados, registrando um aumento no número de bactérias causadoras de inflamação, um fator associado ao risco de derrames.

Entre as principais bactérias presentes com maior frequência nesses pacientes estavam as proteobactérias dos gêneros *Escherichia*, *Campylobacter*, *Intestinimonas* e *Porphyromonas*. Estas últimas, por exemplo, típicas da flora oral, já haviam sido correlacionadas ao AVC e identificadas em placas de ateroma – um depósito de substâncias como gordura na parede interna das artérias –, mas o estudo inovou ao identificá-las no intestino. “Quando você tem uma higiene dental inadequada, há uma chance maior de bactérias da microbiota oral se alojarem no intestino e porções dessas bactérias ou seus metabólitos geram uma inflamação no organismo”, explica o docente Mario Saad, que orientou o estudo.

A presença dos metabólitos, resíduos gerados pelo metabolismo de um determinado organismo, pode ser mensurada no sangue ou nas fezes, ajudando a compreender quais os possíveis indicadores da gravidade de um quadro patológico. Nos casos mais graves de AVC, os autores identificaram um aumento ou uma diminuição na quantidade de metabólitos cuja presença ou ausência já havia sido relacionada a fatores como uma maior resistência à insulina, um maior risco cardiovascular e um processo mais acelerado de formação de placas de ateroma. Esse achado corrobora a ideia de que existem marcadores específicos relacionados aos casos mais graves de AVC. Os pacientes acometidos por quadros mais leves da doença não apresentaram esses biomarcadores.

A pesquisa ainda constatou que os casos mais graves apresentam uma maior resistência à insulina mesmo quando comparados com pacientes diabéticos que sofreram um AVC leve. “Tudo o que observamos na população grave era comparado com a menos grave, e nós vimos que os mais leves não tinham essa população de bactéria, não tinham resistência aumentada à insulina e não tinham um aumento de determinados metabólitos. Então a ausência desses fatores contribui para que o quadro de AVC seja menos grave”, relata Pilon.



O professor Mario Saad, orientador da pesquisa: higiene dental inadequada aumenta a chance de inflamação

Microbiota intestinal pode agravar quadro de pacientes com AVC

Terapias futuras

Coordenador da Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) do HES, Pilon analisou amostras de sangue e fezes de 75 pacientes que deram entrada no hospital com diferentes graus de AVC entre os anos de 2018 e 2022. A instituição, referência no tratamento de AVC isquêmico para oito municípios da região de Campinas, recebe uma média de 450 pacientes por ano, mas tem dificuldades para fornecer o cuidado ideal nesses casos porque os procedimentos mais eficazes, voltados a reduzir o coágulo ou retirar o trombo, precisam ser realizados nas primeiras horas após o derrame. Como a maioria dos enfermos chega tarde demais ao HES, a alternativa é administrar ácido acetilsalicílico (AAS), que não apresenta resultados tão eficazes.

Por esse motivo, o estudo buscou identificar biomarcadores que possam servir como alvos em futuras terapias, melhorando o prognóstico de pacientes com diferentes graus da doença. “No Brasil, apenas 2% das pessoas que sofrem um AVC recebem o tratamento adequado, enquanto o restante dos pacientes volta para casa com sequelas porque não consegue receber o tratamento a tempo. Então nós começamos a nos questionar se não haveria outros marcadores nessa doença que pudessem trazer uma luz sobre as formas de prevenção e cuidado. E uma das nossas ideias foi estudar a relação do AVC com a microbiota intestinal”, relata o pesquisador.

Há mais de 15 anos, o Laboratório de Investigação Clínica em Resistência à Insulina (Licri), coordenado por Saad, estuda a microbiota intestinal porque essas bactérias desempenham um papel relevante no desencadeamento da resistência à insulina em pessoas obesas e diabéticas. Ao longo dessas pesquisas, os cientistas constataram que a microbiota, em conjunto com o tecido adiposo, também contribui para um fenômeno inflamatório subclínico – mais brando e crônico do que as inflamações clínicas – nesses pacientes. Como a inflamação e a diabetes também representam fatores de risco para o AVC, os autores começaram a se questionar se essa microbiota influenciaria de alguma forma a gravidade dos casos de AVC.

Paradoxalmente, os autores descobriram que, apesar da tendência à inflamação, os casos mais graves da doença também apresentaram um aumento de bactérias e proteínas anti-inflamatórias no intestino. Embora não tenha sido eficaz o suficiente para amenizar o quadro clínico, esse efeito demonstrou que o organismo possui mecanismos de defesa mais ágeis do que se acreditava, uma vez que a coleta de amostras deu-se na fase aguda da doença. “A nossa surpresa foi ver que o grupo com o fenômeno inflamatório mais marcante já tinha uma resposta anti-inflamatória evidente. É impressionante a rapidez com que o organismo se dá conta de que a homeostasia [capacidade de um organismo de manter um ambiente interno constante] rompeu-se e de que precisa responder rapidamente”, comenta Saad.

A partir desses resultados, os autores acreditam ser possível desenvolver formas de prevenção para os casos mais graves de AVC, por meio da modulação da microbiota intestinal e da administração de medicamentos como bloqueadores de citocinas inflamatórias, moléculas produzidas pelo sistema imunológico e que provocam inflamação. No caso da modulação da microbiota, os probióticos existentes hoje em dia ainda não conseguem resolver o problema, mas uma dieta rica em fibras, como a mediterrânea, já empregada na prevenção de doenças vasculares, pode oferecer uma alternativa para desenvolver uma microbiota intestinal menos inflamatória.

Beatriz Sarlo, uma re

Um passeio pela história de uma das maiores intelectuais argentinas e suas passagens pela Unicamp

LIANA COLL
lianavnc@unicamp.br

*Não entender foi minha experiência primeira e definitiva. Comecei não entendendo e, quase imediatamente, aceitei que esse era o ponto de passagem para tudo o que valia a pena. Convencida de que entender era um trabalho, acostumei-me a que esse trabalho fosse um prazer. (Beatriz Sarlo em *No entender*, Editora Siglo XXI. A versão digital do livro foi cedida à reportagem pela editora).*

||

Indócil em tudo, quando se tratava de aprender meu caráter mudava, como se tivesse dupla personalidade.” As palavras, de Beatriz Sarlo, constam em sua última obra, *No entender*. Sarlo

havia acabado de terminar a edição do livro quando morreu, em dezembro de 2024, após sofrer um acidente vascular cerebral. Considerada uma das principais intelectuais argentinas, a estudiosa dizia gostar de “irritar ou fascinar”, reações frequentemente surgidas nas críticas ou nos elogios que recebeu ao longo de sua vida e expressas cruamente em um dos textos sobre sua morte, intitulado “Amar odiá-la”, publicado na *Revista Anfibia* por Adriano Peirone.

Sua vasta produção conjuga crítica literária com política e torna difícil atribuir-lhe um perfil acadêmico muito rígido. Há quem encontre livros seus na área de literatura. Outros os acharão nas prateleiras de sociolo-

Foto: Divulgação



A cientista social Caroline Tresoldi, que entrevistou Beatriz Sarlo: “choque” e “inveja” foram algumas das palavras usadas pela crítica argentina para descrever sua primeira passagem pela Unicamp, em 1980



Na sequência, Beatriz Sarlo em três fases de sua trajetória: criança (decidiu que seria intelectual aos sete anos de idade); com as colegas da Belgrano Girls' School (terceira da



gia. “Convicta”, “polêmica” e “incisiva” são adjetivos que acompanharam sua trajetória. Uma criança que se decidiu por sua carreira aos sete anos, após descobrir que a palavra “intelectual” significava “alguém que pensava, lia e escrevia”, flertou na juventude com o peronismo e, na idade adulta, tornou-se uma pensadora crítica ao kirchnerismo. Sarlo deixou a militância dos anos 1960 e 1970, quando participou de organizações marxistas, para adotar uma posição, mais tarde, que classificava como “social-democrata sem partido”. Era uma rebelde e se colocava ao lado de outros rebeldes porque, em suas palavras, “são sempre melhores que os submissos”.

Sarlo remodelou cânones literários, analisou de forma inovadora a obra de Jorge Luis Borges, um dos principais escritores argentinos, refletiu sobre a modernidade, a mídia, a arquitetura, o cinema e a política. Trabalhou também como jornalista e, ao buscar se aproximar de críticos literários tidos pela pensadora como referências, esteve na Unicamp na década de 1980, registrando o encontro em uma reportagem publicada na revista *Punto de Vista*, que editou por 30 anos.

Na Unicamp

Em um ambiente propício à circulação de ideias e livre de protocolos acadêmicos, não invejou apenas o calor tropical dos meios-dias na Unicamp, conforme escreveu na edição de número 8 da revista. No verão daquele ano, Sarlo embarcou, na cidade de Buenos Aires (capital da Argentina), em um ônibus que a levou até Campinas, onde chegou finalmente ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Lá, ocorreriam as Jornadas de Literatura Latino-Americanas, evento que buscava pensar a unidade e a diversidade da literatura no continente. A estudiosa ainda não era conhecida por aqueles que participavam do evento, como frisou em suas memórias. Ia de “penetra”, com a perspectiva de conhecer e entrevistar críticos literários que admirava, como o brasileiro Antonio Candido, professor do IEL à época e idealizador do evento, o uruguaio Ángel Rama e o peruano Antonio Cornejo Polar.

“Ela narra em alguns relatos e entrevistas esse encontro como ‘a famosa reunião em Campinas’ e menciona ainda seu encontro com as ‘grandes potências da América Latina’ [termo que utiliza para se referir aos três críticos]. Dois anos depois, em 1983, ela voltou para mais uma reunião na Unicamp. Dessa vez, não apareceu de ‘penetra’, mas como convidada”, descreve a cientista social Caroline Tresoldi.

“Choque” e “inveja” figuram entre as palavras utilizadas pela escritora ao descrever aquele primeiro encontro na Unicamp, diz Tresoldi, que entrevistou Sarlo para a sua pesquisa de mestrado em sociologia, defendida em 2019, na Universidade. “Choque” porque ela viu Antonio Candido caminhando pela Universidade com seus antigos alunos. Uma jovem universidade, diga-se de passa-



Foto: Antonio Scarpinetti

Eduardo Mejía Toro, que analisou em seu doutorado o projeto da Biblioteca Ayacucho, uma das referências para o trabalho desenvolvido por Beatriz Sarlo: redes de solidariedade para enfrentar o exílio

gem, que havia sido criada durante a ditadura militar e que abrigava, naquele momento, um encontro com livre circulação de ideias e de polêmica, como registra na matéria para a *Punto de Vista*. ‘Como isso era possível?’, perguntou-se recorrentemente durante o evento. E ‘inveja’ pela mesma razão. As boas relações de Candido com seus ex-alunos e com outros críticos da América Latina deram para Beatriz a impressão de que a universidade brasileira não havia interrompido carreiras e diálogos, como ocorreu na Argentina.”

Uma visão exagerada, na opinião de Tresoldi, pois esse encontro “só foi possível quando o Brasil já caminhava para o encerramento – lentíssimo e gradual, como queriam os militares – de uma ditadura que também foi duríssima com seus intelectuais. De qualquer maneira, em Campinas, Beatriz tomou contato com outra experiência intelectual, que a marcou profundamente”.

A marca da ditadura

Sarlo graduou-se em letras em 1966, na Universidade de Buenos Aires (UBA). Naquele ano, o país enfrentou o seu penúltimo golpe de Estado do século XX – foram seis, ao todo. As ditaduras militares argentinas marcaram sua trajetória. “Ela pertenceu a uma geração que se formou em circuitos intelectuais que chamo de alternativos, porque não eram caracterizados pelas especialidades acadêmicas. Refiro-me aos jovens, ou não tão jovens, que, impedidos formal ou informalmente de estarem nas universidades em decorrência da forte repressão das seguidas ditaduras argentinas [1966-1973 e 1976-1983] contra os grupos de esquerda, construíram suas carreiras nas margens dos circuitos oficiais, trabalhando em editoras e colaborando com revistas literárias e culturais”, relata a cientista social.

Rebelde disciplinada

Fotos: Arquivo pessoal de Beatriz Sarlo/ Editora Siglo XXI



esq. para a dir., na fila superior); e já como crítica conhecida do público

outros países eram convidados a colaborar com artigos. Um deles, o professor de filosofia da Universidade de São Paulo (USP) Paulo Arantes. Arantes conheceu Sarlo durante a estadia da pensadora argentina no Brasil, em 1980, e escreveu em 2006 para a *Punto de Vista* sobre a onda de atos violentos promovida pelo Primeiro Comando da Capital (PCC). Por e-mail, o professor recebeu um convite para falar sobre seu encontro com Sarlo e avaliar o legado da crítica literária. O filósofo respondeu: “Li os livros. Não todos, é claro. Mas as memórias pessoais, embora preciosas, são escassas. Dois ou três encontros em breves relances de eventos coletivos, e sempre graças à intermediação de um amigo comum, Roberto Schwarz. Devo, no entanto, registrar minha gratidão por um pequeno gesto de Beatriz que me encantou pela generosidade e atenção. Em 2006, chegou-me um pedido de artigo da *Punto de Vista* sobre o assim chamado levante do PCC em São Paulo, para ontem, como se diz. Ao receber a revista, vi que a própria Beatriz se dera ao trabalho de me traduzir. Entrei assim pela porta lateral do amplo círculo dos *happy fews* que tiveram a chance de conhecê-la pessoalmente”.

continua na página 8

Por isso, vir a Campinas e encontrar em uma universidade intelectuais de esquerda reunidos em debates públicos em plena ditadura significou algo surpreendente para Sarlo, que só iria voltar ao ambiente acadêmico da Argentina depois do fim do período ditatorial, mais de 20 anos após sua graduação.

As continuidades e descontinuidades na formação, bem como o exílio e as redes de solidariedade, atravessaram sua trajetória e a das demais gerações que vivenciaram períodos autoritários, reflete Eduardo Mejía Toro, doutor em teoria e história literária pela Unicamp.

Toro analisou, em seu doutorado, como o projeto da Biblioteca Ayacucho – entidade editorial fundada em 1974 na Venezuela – e seu editor literário, Rama, contribuíram para “a articulação de um grupo intelectual atravessado pela tragédia do exílio”. Segundo o pesquisador, “essas redes encontraram no trabalho editorial um modo de afirmar, propiciar e difundir certo projeto latino-americano”.

Ele aponta que se trata de gerações diferentes, “mas todas atravessadas pela tragédia das ditaduras na América Latina”. Na elaboração de sua tese, Toro pesquisou o arquivo de Rama no Uruguai. “Lá estão as cartas do Antonio Candido e de outros intelectuais da região. Todos debatendo e preocupados, tentando compreender a magnitude da tragédia que estava em curso no continente e ao mesmo tempo criando laços para denunciar e consolidar espaços de resistência e de memória, como as Jornadas de Literatura Latino-Americana que ocorreram no Brasil em um contexto complicadíssimo”, avalia.

A Biblioteca Ayacucho serviu como uma das referências mais importantes para o trabalho realizado por

Sarlo, diz. “A ditadura já estava em andamento quando ela começa um projeto pequeno, mas sempre crítico.”

Punto de Vista

Esse projeto era a revista *Punto de Vista*. A publicação começou a circular em 1978, no auge da última ditadura militar argentina. Devido ao contexto de censura e perseguições, só em 1981 o grupo de editores apresentou-se aos leitores. Na ocasião, Carlos Altamirano, Ricardo Piglia, María Teresa Gramuglio, Hugo Vezzetti e Beatriz Sarlo expuseram também o propósito da revista: “[...] defender, na prática, o espírito crítico e o nosso direito de divergência. Isto é, reivindicar a liberdade de pensar, escrever e difundir ideias diferentes: o direito ao ponto de vista”. Sarlo afirmava que a publicação era invisível a ponto de permitir falar sobre assuntos sensíveis para a ditadura.

“A *Punto de Vista* era vendida em bancas de jornal e em alguma livraria em que ficasse um pouco confundida com outras coisas. Passava de mão em mão. Em um momento em que a repressão era tamanha, a existência de um veículo pequeno como esse, como espaço de resistência, foi decisiva. E depois a revista se consolida com a volta da democracia”, expõe Miriam Gárate, professora de teoria literária no IEL.

A docente, conterrânea de Sarlo, realizou junto com outros colegas o lançamento da revista na Província de Rosário (Argentina), onde estudava. “Éramos meia dúzia de estudantes que juntaram dinheiro para a passagem e para que dormissem em um hotel. E o lançamento da revista foi uma espécie de semissegredo”, conta.

Para Gárate, a publicação mostrou-se importante para o país pois difundiu de modo sistemático a leitura da obra de intelectuais como Walter Benjamin e Raymond Williams, além da de pensadores de cultura de mídia, do urbanismo, da música e das neovanguardas.

Na edição número 8 da *Punto de Vista*, constam as entrevistas com Candido, Rama e Polar. Nas palavras de Toro, “os questionamentos referem-se sempre àquilo que virão a ser as grandes reflexões de Sarlo, como a ideia de tradição, de nação, de imaginação literária e de imaginação política”.

Ao longo das edições, pensadores latino-americanos e de



Capa e página interna da edição de número 8 da revista *Punto de Vista*: menções ao encontro na Unicamp e aos críticos Antonio Candido, Ángel Rama e Antonio Cornejo Polar



Foto: Sebastián Freire/ Editora Siglo XXI

Foto da capa de *No entender*, último livro de Beatriz Sarlo: intelectual, que morreu em dezembro de 2024, logo depois da edição da obra, afirmava que gostava de “irritar ou fascinar”

Foto: Arquivo pessoal de Beatriz Sarlo/ Editora Siglo XXI



Beatriz Sarlo posa, em rua de Buenos Aires, para campanha de incentivo à leitura organizada pelo editor Boris Spivacow: intelectual argentina não abria mão da polêmica

continuação da página 7

Além da revista *Punto de Vista*, Sarlo atuou em outros espaços, como a revista *Los Libros* e o Centro Editor de América Latina (Ceal). Da *Los Libros*, a pensadora chegou a ser editora por um período, junto a Carlos Altamirano, seu marido na época, e Ricardo Piglia. “Eles assumiram por um tempo a direção da revista e passaram a propor que discussões estéticas e políticas caminhassem lado a lado. A revista foi invadida e fechada pelos militares com a nova ditadura, que se instalou em 1976, e os amigos passaram a se reunir no Ceal ou na casa de algum deles”, conta Tresoldi.

O centro havia sido fundado por Boris Spivacow, com quem Sarlo trabalhou na editora da Universidade de Buenos Aires (UBA) até ele ser afastado em decorrência da ditadura. “O Ceal, como ela gostava de dizer, serviu-lhe como uma espécie de pós-graduação”, aponta a cientista social. Leituras estruturalistas e teorias sociais e políticas elaboradas nessa época formaram uma base para o pensamento de Sarlo, afirma Tresoldi. “Esse foi o chão, digamos assim, para que ela começasse a elaborar, desde meados dos anos 1970, uma crítica literária de forte conteúdo histórico-social.”

As editoras, as revistas e os círculos intelectuais surgidos em torno dessas ideias fizeram parte de uma formação autodidata realizada enquanto o espaço acadêmico continuava inacessível devido aos governos ditatoriais. Somente em 1984, Sarlo retornou à UBA, permanecendo até 2003, como docente. Ela ainda foi professora visitante em universidades estadunidenses e na Universidade de Cambridge (Reino Unido) e deixou as salas de aula em um momento no qual passou a buscar na imprensa um espaço para seguir com suas reflexões, dessa vez tentando atingir um público mais amplo.

A crítica literária já escrevia periodicamente na imprensa desde meados de 1990 e intensifica essa presença depois de deixar o ambiente acadêmico. No Brasil, Sarlo chegou a ser entrevistada, em 2007, em um episódio do Roda Viva, programa consagrado da TV Cultura.

A intelectual pública

“Beatriz Sarlo foi alguém que sempre se manifestou com muita convicção e veemência e com muito desejo de participar da arena das discussões. Durante suas primeiras décadas de atuação, isso ocorreu fundamentalmente no espaço universitário e no espaço editorial. Mas, a partir do final dos 1990 e início dos 2000, há uma virada em que passa a participar da imprensa periódica”, diz Gárate.

No ‘borrado domínio das possibilidades’

Esse trânsito ocorre depois de a crítica literária ter chegado a uma conclusão, afirma a docente. “Beatriz falava que o que a interessava da cultura estava em outro lugar e que, para esse outro lugar, ela queria ir.” A transição não foi bem vista por alguns de seus colegas intelectuais, que a acusaram de, por exemplo, “se vender” aos jornais, justamente no período em que os mais importantes veículos se transformaram em opositores do kirchnerismo. “Durante uma entrevista que se tornou célebre, ela fez um gesto que virou bordão. ‘Comigo, não!’, disse, com o dedo em riste. Sarlo arguia estar trabalhando sem restrições para dizer aquilo que queria dizer. Na medida em que não a censurassem, iria continuar”, analisa Gárate.

A ocupação do espaço midiático deu-se de forma constante desde então. Ainda nos últimos meses de 2024, antes de sofrer o acidente vascular cerebral, Sarlo apareceu com frequência em podcasts, na televisão e na internet.

Uma das últimas entrevistas longas concedidas aconteceu em um videocast chamado El Método Rebord. A entrevista é curiosa, com diversos momentos nos quais Sarlo deixa o entrevistador desconcertado. Logo no início do programa, esse entrevistador a saudou: “É um prazer recebê-la”. Ao que ela responde: “Espere até o fim”.

Em um momento do diálogo, Sarlo relata a precocidade com que decidiu tornar-se intelectual. “Aos sete anos, encontrei em uma nota no jornal a palavra ‘intelectual’. Não sabia o que queria dizer, mas, quando me disseram que era alguém que pensava, lia e escrevia, decidi que queria ser isso.”

Impaciente com algumas perguntas, ela alterna relatos profissionais com análises culturais. Quando visivelmente se cansa, olha para o relógio e fala que precisa ir embora: “Vou ao teatro”.

“Nós, argentinos, fazemos questão de ser profissionalmente desagradáveis e inflexíveis”, brinca Gárate. A docente também comenta que, “nos programas, [Sarlo] virava uma grande professora”. Afinal, tratava-se de uma intelectual de peso, talvez a mais influente da Argentina.

A sua presença em veículos de imprensa, no entanto, rendeu algumas cisões com a intelectualidade argentina. “Houve ruídos com parte da intelectualidade, sobretudo pelo que foi a intervenção muito crítica dela em relação aos governos kirchneristas. Ela começa a trabalhar no *La Nación* [jornal de oposição aos Kirchner] justamente no governo Macri [Mauricio Macri, presidente da Argentina entre 2015 e 2019], embora tenha sido crítica ao Macri”, exemplifica a docente.

As polêmicas, avalia Gárate, também ocorriam pelo fato de as análises de Sarlo reverberarem nos cânones literários, ocasionando um “movimento de escolhidos e rejeitados”.

A OBRA

Gárate divide a produção de Sarlo em dois grandes momentos. “Os primeiros livros foram publicados em 1982 e 1983, em uma parceria com Altamirano, que na época era também o parceiro de vida, e dão o tom do que foi sempre o foco privilegiado do discurso teórico e crítico de Beatriz Sarlo. Destaca-se, nos dois primeiros livros [*Literatura-sociedade* e *Ensayos argentinos: de Sarmiento a la vanguardia*], sobretudo, o tipo de olhar com uma perspectiva na qual a política permeia a cultura e a cultura é uma intervenção política permanentemente.”

Depois dessas obras, diz a professora, Sarlo publica livros “fundamentais tanto pelo período sobre o qual se debruçam quanto pelas mudanças no tipo de perspectiva em relação a uma série de objetos culturais”. O primeiro deles é *Império dos Sentimentos*, considerada por Sarlo como sua tese e em que analisa os folhetins sentimentais publicados entre 1917 e 1927. Em entrevistas, a escritora relatava que, como teve uma formação interrompida pela ditadura, tornou-se docente sem um mestrado ou doutorado.

Na segunda parte da produção de Sarlo, que inclui *Cenas de la vida posmoderna* (1994) e *A cidade vista* (2009), analisa Gárate, há um deslocamento dentro da cena contemporânea. “Eu diria que Sarlo começa a circular no Brasil mais a partir dessa segunda parte da produção, quando de algum modo, sem abandonar a literatura, vai incorporar uma leitura da cena contemporânea, com a análise sobre fenômenos arquitetônicos, as alterações no espaço público, as alterações de sensibilidade que isso produz e também as alterações em relação ao lugar da literatura, como uma espécie de discurso ordenador de efeitos de cultura.”

Foram dezenas de livros publicados. O último, recém-lançado pela Editora Siglo XXI, reúne suas memórias. Por coincidência ou não, na página final, Sarlo reflete: “O que eu teria feito e não fiz? Não sei porque, como o verbo indica, pertence ao borrado domínio das possibilidades, muitas delas infundadas, muitas desconhecidas, muitas de difícil cumprimento, mais difícil do que a própria condição. De repente, me vem à memória uma frase de Thomas Bernhard: ‘A morte é a meta’. E se essa repetição hipnótica estivesse me aproximando de uma ideia da morte? Em *Scrittura estreme*, Franco Rella cita um aforismo de Kafka: ‘Há um ponto a partir do qual já não é possível o retorno. Esse é o ponto a ser alcançado’.” (*Liana Coll*)

Foto: Antoninho Perri

Miriam Gárate, professora de teoria literária no IEL e conterrânea de Beatriz Sarlo, participou como organizadora do lançamento da *Punto de Vista* na Província de Rosário: revista passava de mão em mão

Pesquisa traça perfil de quem consome produtos orgânicos

Foto: Antonio Scarpinetti

Cuidados com a saúde e questões ambientais estão entre as causas da escolha do consumidor

ADRIANA VILAR DE MENEZES
adrivm@unicamp.br

Vinte e cinco anos após publicar um artigo que se tornou referência nos estudos sobre o consumidor de produtos orgânicos no Brasil, o engenheiro agrônomo Ricardo Cerveira fez um estudo revelando o que pensa esse personagem central de um mercado em vertiginosa expansão. Em seu doutorado, realizado na Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Unicamp, o pesquisador aprofunda sua investigação sobre o consumidor de orgânicos, identificando inclusive o quanto os estudos acadêmicos o ignoram.

Na comparação entre o perfil socioeconômico do consumidor de 1999 (contemplado no artigo) e o de 2024 (discutido na tese), Cerveira mostra que o percentual de mulheres cresceu (de 62% para 81%), o público consumidor ficou mais jovem (a grande maioria tem entre 21 e 40 anos), a motivação principal para a escolha dos orgânicos passou a ser, além da saúde, as questões ambientais e, com relação aos preços, a disposição para pagar mais caro que o alimento convencional hoje varia entre 10% e 30%, enquanto em 1999 esse percentual ultrapassava os 30%.

“Os engenheiros agrônomos tendem a pensar somente na produção agrícola, que é importantíssima, mas esquecem da importância daquele que consome. É preciso olhar o todo, desde a produção até o consumidor, que está na ponta, que somos nós. Estudar o consumidor é fundamental para o desenvolvimento de qualquer cadeia de produção porque é preciso enxergar como ele é e o que ele quer. Isso é básico”, defende o pesquisador, mestre em geografia física com temática em agroecologia.

“É fundamental entender o comportamento do consumidor, do contrário, não adianta nada”, reforça o professor de marketing da FCA Christiano França da Cunha, que orientou Cerveira na tese, intitulada “Padrão de consumo e perfil socioeconômico dos consumidores de produtos orgânicos do Brasil”. A pesquisa consiste em três artigos. O primeiro faz uma análise bibliométrica que escancara o desprezo acadêmico em relação a esse consumidor.



O professor Christiano França da Cunha, orientador da tese: “O consumidor é o rei da cadeia produtiva”

A revisão da literatura utilizou dados das bases Scopus e Web of Science (WOS), de 1999 a 2023. Segundo a base Scopus, no universo de artigos acadêmicos sobre a produção orgânica, apenas 0,31% foca o comportamento do consumidor (37 de um total de 11.846 publicações). Na base WOS, o percentual é de 0,32%. Já nas publicações sobre alimentos em geral, na Scopus, o percentual de estudos sobre o consumidor de produtos convencionais é de 4,13% (593 de um total de 14.346 publicações). Nesse mesmo universo, segundo a WOS, 3,92% dos artigos tratam dos consumidores comuns.

“Isso revela a grande lacuna que existe na literatura acadêmica quando o assunto é o consumidor de orgânicos. Há a necessidade de uma maior atenção acadêmica em relação a essa área de pesquisa”, alerta o agrônomo.

Crescimento e desconhecimento

Os baixos números revelados no estudo contrastam com os altos índices de crescimento do consumo de orgânicos em todo o mundo. De acordo com Cunha, esse nicho de mercado dobra a cada ano. “Em 1999, o consumo de orgânicos no mundo movimentava algo em torno de US\$ 1 bilhão. Em 2005, já chegava a US\$ 40 bilhões, aproximadamente. Trata-se de um consumo que cresce muito. Os pessimistas projetam um crescimento anual de 20%; os otimistas, de 50% a 60%. Não existe nenhum outro mercado assim. Precisamos entender esse consumidor”, diz o professor.

Face ao cenário de crescimento global e nacional, Cerveira buscou, no segundo artigo da tese, identificar as motivações, as barreiras e os pontos de vista desse mercado. No geral, ainda há pouca informação sobre a produção de orgânicos como um todo e não apenas a respeito do seu consumidor. Ao contrário do que acredita a maioria, a cadeia produtiva não se compõe somente de pequenos produtores, por exemplo. Há também grandes empresas, como a Native, em Sertãozinho (SP), diz o engenheiro agrônomo.

De acordo com o pesquisador, a informação leva à tomada de posição do consumidor, e só ele pode forçar uma mudança na cadeia. “A tomada de decisão é o ‘pulo do gato’. Afinal, é o consumidor quem decide. Mas ele tem que ter informação.” Na linguagem econômica, isso se denomina o bem de crença, afirma o professor Cunha. “O consumidor é o rei da cadeia produtiva. Ele manda e desmanda. Se ele falar: ‘Eu não quero’, não se compra. Mas é preciso entender a cadeia produtiva.”

Preocupação ambiental

A temática da produção orgânica começou a difundir-se há 30 anos, quando houve um forte aumento na produtividade mundial dos bens de consumo, com um efeito positivo na disponibilidade de alimentos, mas um impacto negativo no



Banca de produtos orgânicos em feira no centro de Campinas: setor registra altos índices de crescimento do consumo

meio ambiente por conta do aumento da contaminação das águas e do assoreamento dos rios. “Há 30 anos, já havia questionamentos sobre as práticas convencionais. A produção agroecológica busca causar menos impactos ambientais”, diz Cerveira.

Nesse segundo artigo, o pesquisador analisa os fatores sociodemográficos e motivacionais que influenciaram o padrão de consumo de produtos orgânicos no Brasil entre 2019 e 2023 com base em dados fornecidos por uma pesquisa da Organics Brasil realizada em 2019, 2021 e 2023, com 4.030 entrevistados de diversas cidades brasileiras. A abordagem ocorreu em pontos do varejo, considerando motivações como saúde, sustentabilidade e renda. O estudo chegou à conclusão de que a saúde representa o principal motivador enquanto o preço, a principal barreira. O pesquisador sugere que políticas públicas podem reduzir os custos e aumentar a visibilidade dos orgânicos.

No terceiro artigo, o agrônomo compara as mudanças no comportamento do consumidor de produtos orgânicos entre 1999 e 2024, tomando por base o seu artigo publicado em 1999. Segundo Cunha, trata-se do primeiro artigo sobre orgânicos a discutir o comportamento do consumidor e trata-se do mais citado sobre esse tema no Brasil. Cerveira traçou um perfil do consumidor de orgânicos a partir de dados coletados na Feira de Produtos Orgânicos do Parque da Água Branca, em São Paulo, por meio de 121 entrevistas. Os dados de 2024 foram coletados na BioBrazil Fair, com 300 pessoas que responderam questões sobre seu perfil, a frequência de consumo, suas motivações e sua percepção a respeito dos preços.

O cientista identificou uma queda no índice de fidelidade dos consumidores e

uma diversificação nas motivações para a compra, com um maior interesse na sustentabilidade e na qualidade, além de na saúde. Houve também uma redução na disposição para pagar caro por produtos orgânicos. “Isso é importante para quem produz.”

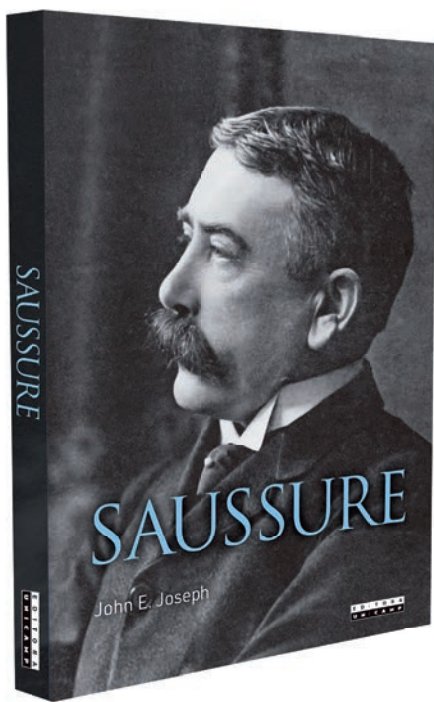
“Esse é um produto ‘nichado’. Para romper esse nicho, precisamos de abordagens diferentes de modo a atingir outros públicos”, defende o engenheiro agrônomo, que lança muitas questões sobre o futuro do mercado de orgânicos: será que não está na hora de se preocupar com o preço?; será que isso interfere no meu modo de produção?; não está na hora de “estourar” o nicho?; como vou falar com outro público?

No final do século XX, só se conseguia comprar orgânicos em lojas especializadas. Hoje, 70% de todos os produtos do tipo vendidos no Brasil estão no supermercado, diz o orientador. “Tivemos várias mudanças, de informação e de acesso.” Para Cunha, os não orgânicos já tentam conquistar o consumidor de orgânicos. “Daqui a cinco ou dez anos, se [o produto] não for sustentável, nem entrará mais no mercado.”

Fotos: Divulgação



O engenheiro agrônomo Ricardo Cerveira, autor do estudo: “Estudar o consumidor é fundamental”



RESENHA

LAURO BALDINI
Especial para o *Jornal da Unicamp*

Até agora, o leitor não especializado interessado em uma visão panorâmica, mas ao mesmo tempo rigorosa, sobre a vida e a obra de Ferdinand de Saussure teria que fazer um passeio por um certo número de publicações profissionais e técnicas, geralmente do campo da história das ideias linguísticas ou da historiografia linguística, áreas em que há uma vitalidade intelectual a indicar o quanto um “retorno a Saussure” ainda consegue suscitar questões para o campo dos estudos da linguagem e da(s) língua(s). John E. Joseph, professor da Universidade de Edimburgo (Reino Unido) e autor da biografia de Saussure resenhada aqui, realiza com notável erudição e meticulosidade a tarefa de apresentar o percurso pessoal e intelectual do mestre genebrino a um público mais amplo que o dos linguistas tarimbados.

Conforme ressalta o tradutor brasileiro da obra, se há uma distância de mais de 50 anos entre a versão original do *Curso de Linguística Geral*, de 1916, e a versão brasileira, de 1970, o fato de os manuscritos reunidos em *Escritos de Linguística Geral*, publicados pela primeira vez em 2002, terem levado apenas dois anos para saírem no Brasil indica haver um interesse pela obra saussuriana no nosso país. De fato, Joseph confessa ter ficado

Saussure, a estrutura de um pensamento na história

surpreso “com o alto nível das atividades na área” no território nacional a ponto de apontar o português como “a verdadeira língua materna da história da linguística na América”.

Nessa direção, não poderia ter vindo em mais boa hora a biografia publicada em inglês em 2012 e traduzida para o francês em 2021. A obra ganha agora sua versão em português, em uma tradução cuidadosa e precisa de Bruno Turra, ele mesmo um estudioso de Saussure com uma importante tese sobre a escrita em seu pensamento. Cotejando a versão em inglês com a versão francesa e depurando o texto da versão original de alguns erros, segundo afirmou o próprio Joseph – que enfatiza devermos considerar o texto em português como a “versão definitiva” –, a publicação demonstra o ânimo singular das pesquisas sobre Saussure em terras brasileiras, onde talvez sejam aquelas de maior vivacidade e originalidade no campo das pesquisas sobre o pensamento saussuriano.

Muito cedo, com apenas 21 anos, Saussure se notabiliza pelo *Mémoire sur le Système Primitif des Voyelles dans les Langues Indo-Européennes*, obra na qual surgem elementos que serão atribuídos apenas ao Saussure “maduro”, como a ideia de que tudo na língua opera segundo um sistema e valores negativos e diferenciais. De fato, o modo como Saussure conceitua o nascente conceito de “fonema” nesse momento já oferece as bases para o que será conhecido como estruturalismo, pois se trata de uma unidade dentro de um sistema socialmente partilhado. Esse Saussure acessível apenas a um público muito especializado agora se torna domínio comum graças à biografia ora lançada, que explora justamente o fato de que muito do que viria a se disseminar pelo Curso de Linguística Geral (CLG) já estava presente na obra do Saussure “jovem”. O próprio CLG chega bem tarde à biografia, mas isso tem razão de ser na

medida em que os cursos ministrados por Saussure no período de 1907 a 1911 também chegaram bem tarde a sua vida. Não só por essa razão cronológica, mas também porque a biografia se demora muito justificadamente em expor a construção do pensamento de Saussure desde seus primeiros escritos, mobilizando formas de pensar a que o CLG simplesmente dará a forma definitiva.

Mesmo o CLG resulta de um acaso fortuito: tendo se aposentado o professor da cadeira de linguística geral da Universidade de Genebra (Suíça), em vez de contratar um novo professor, o Departamento de Instrução Pública decide atribuir a responsabilidade por esse curso ao docente de sânscrito e filologia comparada, isto é, a Saussure. Com 49 anos, Saussure fica encarregado de ministrar um curso mais generalista e para

um público menos versado que seus alunos usuais de gótico, alto-alemão, sânscrito, lituano, grego etc. Na verdade, a disciplina de linguística geral era obrigatória e fazia parte do currículo

de diversas formações, agregando alunos que nem sempre tinham um interesse específico pela questão das línguas. Além disso, tratava-se de um tema pelo qual Saussure não demonstrava exatamente muito entusiasmo, mesmo porque considerava difícil articular algo de definitivo a seu respeito.

Como já fizeram Françoise Gadet e Michel Pêcheux em *A Língua Inatingível*, mas também Émile Benveniste, e como Jacques Lacan mais de uma vez assinalou, o biógrafo de Saussure sustenta não haver dois Saussures, um da ordem, da simetria e da razão e outro da desordem, do acidental e do primitivo. Não há *Ferdinand deux Saussures* (como um certo pós-estruturalismo tentou fixar), mas sim um interesse vivo por aquilo que as línguas têm de paradoxal e de singular dentre os demais sistemas. Para captá-lo, Saussure transitou por anagramas, lendas germâ-

nicas, o problema da acentuação em lituano, a questão do tempo, a questão do espaço. É uma mesma pergunta obstinada que encontramos nessa diluição por diferentes temas: onde está o próprio da língua?

A busca por esse “próprio” revela um Saussure soterrado pelo peso de um bisavô cuja celebridade científica ele queria tocar (visada na qual considerava ter fracassado) e interessado por diferentes domínios: a relação entre língua e fenômenos espíritos, a questão da língua dos marcianos, a ideia de que a linguística se assemelha a um sistema de geometria, a questão das lendas germânicas, o mistério dos anagramas... Todas essas incursões nos mostram um Saussure que busca desenhar os fundamentos da linguística e que não se contenta com as formulações que circulam em seu tempo e sobre as quais não teria tempo de assinalar o que precisaria ser corrigido. Um homem que descobre sua vocação muito jovem, torna-se célebre muito jovem, escreve textos fundamentais muito jovem... E que tinha a sensação de não ter mais tempo... Aliás, não era esse um dos problemas fundamentais que apontava com relação ao estudo das línguas – a necessidade de levar em conta o fator “tempo” –, uma questão que coloca a linguística no campo das ciências históricas?

Lauro Baldini é professor do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp

O Projeto Resenha é fruto de uma parceria entre a Editora da Unicamp e a Associação de Docentes da Unicamp (Adunicamp).

Título: Saussure
Autor: John E. Joseph
Tradução: Bruno Turra
Ano: 2024
Páginas: 904
Preço: R\$ 198,00

LANÇAMENTOS

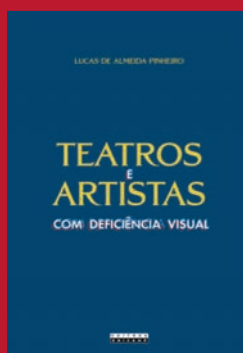


UM ATLÂNTICO LIBERAL: THINK TANKS, VARGAS LLOSA E A OFENSIVA DE DIREITA NA AMÉRICA LATINA

María Julia Giménez

Páginas: 320

Dimensões: 14 x 21 cm

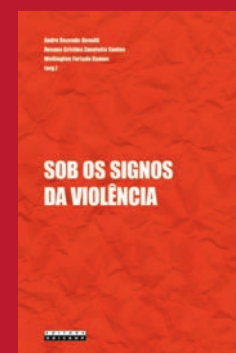


TEATROS E ARTISTAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: POÉTICAS DO ACESSO À CENA

Lucas de Almeida Pinheiro

Páginas: 288

Dimensões: 16 x 23 cm



SOB OS SIGNOS DA VIOLÊNCIA

Andre Benatti, Rosana Santos, Wellington Ramos (org.)

Páginas: 248

Dimensões: 14 x 21 cm

Tecnologias auxiliam produtores na tomada de decisões agrícolas

Ferramentas desenvolvidas na Feec reúnem práticas tradicionais e modelagem matemática avançada

PAULA PENEDO
penedo@unicamp.br

Pesquisadores da Faculdade de Engenharia Elétrica (Feec) da Unicamp desenvolveram um conjunto de ferramentas tecnológicas para auxiliar pequenos e médios produtores em diversas etapas do planejamento agrícola. Voltadas para o enfrentamento das mudanças climáticas, essas tecnologias combinam práticas agrícolas tradicionais com modelagem matemática avançada e têm como objetivo criar estratégias de longo prazo para equilibrar eficiência agrícola e sustentabilidade ambiental.

Entre as principais contribuições da pesquisa, que resultou na tese de doutorado do engenheiro mecatrônico Bruno Santos de Miranda, figura o desenvolvimento de um modelo agrometeorológico para auxiliar os produtores na questão da rotação de culturas. A alternância no cultivo de diferentes plantas em uma mesma área é essencial para preservar a qualidade do solo, incluindo a absorção adequada de nutrientes, o balanço hídrico e a prevenção da erosão. No entanto a prática envolve diversos desafios como o de determinar o que, onde e quando plantar.

“No modelo, o Bruno simula culturas que são rentáveis, mas também incorpora plantas de cobertura, que não servem para a venda, mas que desempenham um papel fundamental na recuperação do solo”, explica a matemática e docente da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) Priscila Rampazzo, que coordenou a pesquisa ao lado do professor da Feec Akebo Yamakami. “Bruno avaliou diferentes cenários de rotação de culturas frente às mudanças climáticas para verificar como cada parâmetro impacta a produtividade final, mas olhando para além da lucratividade, com um viés sustentável”, comenta a professora.

Para tal empreendimento, a ferramenta realiza cálculos a partir de dados reais e simulados obtidos de fontes climáticas e meteorológicas de longo prazo, assim como do histórico de preços de produtos agrícolas. Esses parâmetros foram aplicados na modelagem de uma unidade de produção da família de Miranda, localizada em Tatuí, no interior de São Paulo, onde se alternam culturas como soja, milho, trigo e sorgo, além de plantas de cobertura, como a aveia-preta. No entanto, apesar de esse local ter servido como estudo de caso para o modelo, a tecnologia pode ser adaptada para outras regiões e outros tipos de cultivo.

Além de contribuir para a preservação da qualidade do solo, o modelo desenvolvido também busca mitigar a migração de pragas entre áreas vizinhas. Para isso, propõe que se evite o plantio de culturas de uma mesma família – que compartilham pragas – em áreas contíguas, utilizando intervalos de descanso ou a intercalação de culturas. Tal processo, além de dificultar a disseminação de pragas, reduz o surgimento de plantas daninhas, já que



Foto: Antoninho Perri

Além da cultura de milho, foram objeto de pesquisas as de soja, trigo, sorgo e plantas de cobertura, entre as quais a aveia-preta: tecnologia pode ser adaptada



Fotos: Alex Calixto

O engenheiro mecatrônico Bruno Santos de Miranda, autor da tese: papel de plantas de cobertura é fundamental para a produtividade agrícola

os lotes permanecem ocupados com alguma planta ao longo de todo o ano.

“No trabalho, nós classificamos o uso das plantas de cobertura em uma escala e, à medida que elas se tornam mais presentes na nossa solução, esses índices melhoram”, explica Miranda. “Nas simulações, nós temos a opção de manter a rentabilidade, investindo nas plantas comerciais, de manter uma maior sustentabilidade, aumentando o uso de plantas de cobertura, ou de fazer algo misto. Então nós vamos navegando entre essas vertentes e vendo o que acontece em cada uma delas.”

Apesar disso, o pesquisador destaca que, em condições climáticas desfavoráveis como as que o mundo enfrenta atualmente, priorizar a rentabilidade funciona apenas no curto prazo, pois as culturas comerciais mostram-se mais sensíveis a variações de temperatura e volume de chuva. Nesse contexto, as plantas de cobertura, mais resilientes, desempenham um papel essencial na produtividade agrícola, auxiliando na

melhora de fatores como a estrutura do solo e o fluxo de nutrientes.

“As simulações indicaram que, conforme trabalhamos com dados meteorológicos e precipitações baixas, as plantas de cobertura começam a surgir como parte natural das soluções propostas porque garantem um melhor desempenho das plantações comerciais”, avalia o pesquisador, que estudou situações de pequenos produtores incapazes de arcar com os custos de sistemas de irrigação artificial.

Pragas e ervas daninhas

Além da questão da rotação de culturas, a tese de Miranda também desenvolveu outros tipos de ferramenta de modelagem agrícola, como uma voltada a abordar o manejo de herbicidas para o controle de ervas daninhas e outra dedicada a auxiliar no controle de pragas. No primeiro caso, o modelo orienta o produtor sobre qual produto deve ser utilizado em cada fase do ciclo de cultivo da soja, levando em consideração a ampla variedade de herbicidas disponíveis e suas indicações de uso específicas para diferentes estágios de desenvolvimento da planta, bem como os tipos de ervas daninhas existentes.

No caso do controle de pragas, o modelo compara a eficácia do uso dos métodos tradicionais – como inseticidas químicos ou biológicos – com a dos chamados agentes predadores artificiais para acabar com a infestação de lagartas na produção de soja. Em equilíbrio na natureza, esses insetos possuem seus predadores naturais, mas, na agricultura comercial, tais predadores também são dizimados com o uso de inseticidas, motivo pelo qual modelá-los como forma de inseticida é considerado algo artificial.

“Existe um tipo de vespa que come lagartas e que seria o predador na cultura

de soja. Então nós modelamos um agente predador baseado nessa vespa. Mas nós chamamos de artificial porque ela não está disponível de fato na plantação”, revela o autor da pesquisa. “Com isso, nós comparamos qual é a melhor estratégia de manejo de pragas, mas não excluímos o uso de inseticidas. Nós procuramos a melhor associação entre essas alternativas que resulte no controle populacional da praga.”

A ferramenta simula a introdução da vespa artificial no ambiente agrícola, mas partindo do pressuposto de que esses animais seriam resistentes aos inseticidas e capazes de se multiplicar, algo essencial para que consigam controlar as espécies indesejadas. Miranda ressalta, no entanto, que, apesar de o modelo ser voltado ao controle da lagarta, pode-se aplicá-lo em outros contextos agrícolas. “Os danos provocados pelas lagartas nas culturas de soja são reais e bem significativos, mas existem percevejos e outros insetos que igualmente atacam a plantação, e nosso modelo também pode ser adaptado para esses casos”, complementa.



A professora Priscila Rampazzo, orientadora da pesquisa: avaliação de diferentes cenários

Outras palavras, novo protagonismo

Projeto rompe com abordagens hegemônicas na área do jornalismo científico

HELENA TALLMANN
helenalt@unicamp.br

Romper com as lógicas hegemônicas da comunicação nas áreas de ciência e cultura é a proposta do projeto de pesquisa Comunicação, Decolonialidade e Interseccionalidade, desenvolvido pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp. Criado em 2023, o projeto engloba hoje quatro trabalhos que experimentam diferentes formatos de produção e análise de materiais por meio de abordagens decoloniais e contracoloniais. Uma pesquisa de especialização *lato sensu* e outra de mestrado inauguraram a fase de defesa dos trabalhos finais, abordando, a primeira, questões de raça e, a segunda, a divulgação cultural no movimento samba-rock em São Paulo e dos coletivos negros no ambiente acadêmico.

As integrantes do grupo de pesquisadoras dizem pretender desestabilizar estereótipos e mecanismos de opressão relativos a gênero, raça, sexualidade e classe presentes no fazer jornalístico, científico e audiovisual e que operam conforme uma ótica eurocêntrica e ocidental – por isso, fala-se em combater uma visão colonial. “Esses são trabalhos que dialogam nessa perspectiva de ruptura das perspectivas hegemônicas heteropatriarcais, brancas etc.”, afirma a pesquisadora do Labjor e orientadora dos estudos, professora Marta Mourão Kanashiro.

Kanashiro espera que o projeto se consolide nos próximos anos, conquistando financiamento e agregando mais trabalhos orientados por essa visão. No momento, também estão em desenvolvimento uma pesquisa que trata do audiovisual e da racialização de pessoas amarelas e outro que adota uma perspectiva transmídia para discutir o letramento racial.

Na prática

O trabalho de conclusão de curso (TCC) de especialização em jornalismo científico realizado por Poliana Martins experimenta a prática de um jornalismo decolonial e também da interseccionalidade dentro da ciência, apresentando uma série de reportagens em torno do tema “mulheres negras em movimento na universidade”. O TCC encontra-se disponível para leitura na revista digital *ComCiência*.



Bianca Mafra Elia: metodologia científica que foge do convencional em pesquisa de dissertação



Casa em que morou Lélia Gonzalez, no Rio, recebe placa em sua homenagem: antropóloga, filósofa e ativista negra é uma das referências teóricas das pesquisas desenvolvidas no Labjor

O material compõe-se de um editorial, duas reportagens e uma entrevista com Mônica Sacramento (pesquisadora e coordenadora programática da organização não governamental Criola), além da resenha do documentário *Quem é essa mulher?* (2024) – que conta a trajetória da historiadora Mayara Priscila de Jesus em sua pesquisa sobre a baiana Maria Odília Teixeira, a primeira médica negra do Brasil. “A maioria das fontes [jornalísticas] são mulheres negras, e nas fontes teóricas temos referências como Lélia Gonzalez e Kimberlé Crenshaw. O fato de termos mulheres negras na ciência trazendo as suas experiências marca essa interseccionalidade”, afirma Martins.

A primeira reportagem resgata a história das ações afirmativas nas universidades brasileiras. “Experimentando essa proposta de outro fazer jornalístico, eu não tratei o pesquisador da área como um especialista e o estudante que faz parte de um coletivo como apenas um personagem. Todos tiveram uma participação mais ativa dentro da reportagem”, observa Martins. Já a segunda reportagem trata das mulheres negras e a carreira científica, citando pesquisadoras que trabalham dentro e fora das universidades. “Foi muito importante ouvir os depoimentos dessas cientistas sobre como fazer parte de um coletivo negro que marcou a trajetória delas e como isso também abriu espaço para mudar a agenda de pesquisa dentro da universidade.”

Para Kanashiro, o trabalho mexe com a percepção do que é o jornalismo científico ao não apenas investir em uma bibliografia composta por autoras negras, mas também ao questionar como se constrói o material jornalístico e como se escolhem as fontes de informação. “É muito complexo mover o lugar da *expertise* que está muito enraizado dentro das universidades, ou seja, as pessoas que têm legitimidade para falar sobre ciência – que, em geral, não são as pessoas racializadas.”

Ciência e ficção

O segundo trabalho, a dissertação de mestrado de Bianca Mafra Elia, tem como foco a cultura do samba-rock – parte da cultura negra de São Paulo, considerada patrimônio cultural imaterial da cidade – por meio das ações do Projeto Groove 011, um grupo que mobiliza centenas de pessoas em aulas públicas de dança. A elaboração da pesquisa deu-se lado a lado com a de um documentário sobre esse estilo musical e os bailes de garagem, o que também influenciou a criação de uma metodologia científica que diverge da tradicional.

Nesse sentido, a pesquisa buscou se afastar da ideia de abordar com distanciamento as entrevistas dos membros do Groove 011, usando, ao invés disso, as informações para a narração de cenas, mesclando realidade e ficção. “Eu transformo isso em cheiro, em som, em diálogo. Minha intenção é fazer com o que o leitor entre na história, e não que leia uma pesquisa a partir da minha análise. Isso foi importante para que eu não reforçasse o papel de uma pesquisadora branca querendo decodificar o universo negro de forma distante e fria.”

Em um trabalho imersivo de campo, Elia participou das aulas semanais de samba-rock oferecidas em diferentes es-



Marta Mourão Kanashiro, orientadora das pesquisas: na contramão das perspectivas hegemônicas



A pesquisadora Poliana Martins: jornalismo decolonial e interseccionalidade no âmbito da ciência

paços de São Paulo, entre 2022 e 2024: Clube Desportivo Municipal (CDM) Anchieta, saída da estação do metrô Tamanduateí e Vale do Anhangabaú, além de eventos pontuais. Sua experiência pessoal faz parte da dissertação, colocando a própria branquitude como uma questão central de reflexão.

O caminhar pela cidade, um conceito inspirado no trabalho do filósofo francês Frédéric Gros, também compõe o processo de construção da pesquisa. Kanashiro destaca um trecho do texto que relaciona os pontos de encontro do Groove 011 com os rios canalizados durante o processo de modernização de São Paulo. “É onde você também tem uma população negra, empobrecida, que o projeto moderno de cidade quer invisibilizar. A possibilidade de essas pessoas estarem nesses espaços não mais pela marcação social negativa com que normalmente são vistas aparece no trabalho de Elia como pulsão de vida, com esses corpos negros dançantes na cidade.”

Kanashiro ressalta, por fim, a participação ativa no processo da banca examinadora, formada pelos professores da Unicamp Marcos Barbai e Carolina Cantarino, durante a realização da pesquisa: “Isso também rompe com hierarquias e promove reconhecimentos”.

Foto: Tânia Rêgo/Agência Brasil

Fotos: Lúcio Camargo